

Cultura



UM LIVRO POR DIA

A DIMENSÃO DO VAZIO: OS JOVENS E O SUICÍDIO / PAOLO CREPET
O livro analisa as dificuldades associadas ao crescimento que, quando levadas ao extremo, podem conduzir à tentativa de suicídio. Repleto de exemplos quotidianos, "A dimensão do vazio" aborda essa problemática nas suas diversas vertentes, procurando analisar fios condutores que explicam a ocorrência daqueles casos em todo o Mundo. O autor, Paolo Crepet, é um psiquiatra e sociólogo especializado na investigação sobre o suicídio. (AMBAR)



ENTREVISTA LUIZ PACHECO

"Há gajos que só querem ser ídolos"

CRISTIANO PEREIRA

Luiz Pacheco é um dos mais controversos escritores da história da literatura portuguesa. Autor e editor, mal-dizente e feroz cronista, aquele que assinou alguns dos textos mais malditos em português tem hoje 77 anos e vive "rodeado de fantasmas" num pequeno quarto da Liga dos Amigos dos Hospitais, em pleno Jardim do Príncipe Real, Lisboa.

Escassos dias após a reedição do texto "Os doutores, a salvação e o Menino Jesus", o JN passou uma tarde à conversa com este homem que não tem medo da morte depois de uma vida passada a "dar porrada em muita gente". Em discurso directo, fica a transcrição possível.

JORNAL DE NOTÍCIAS - Sente-se feliz neste lar?

LUIZ PACHECO - Isto aqui é outro mundo, é só patatacos. Um gajo não cria alegria. Já estou nesta merda dos lares há quase dez anos. Já nem vou lá fora. Tenho aqui a minha companhia: a rádio. Há pouco estava ali a ver uma merda qualquer na televisão mas nem sei o que era aquilo. Pelo menos, aqui, há assistência dia e noite. Há uns anos atrás, fiquei um bocado chateado com estas casas mas agora já consigo ver que não há outra solução. Já não há casas para velhos: é tudo T1 ou T2, para casais e filhos que não querem ter velhos em casa. E há velhos que não podem ficar sozinhos. Aqui há um sistema de protecção e vigilância. Mas isto não dá para relações... naquela sala ali ao lado (a da tv), só há fantasmas. Há gajos que nem sequer saem dos quartos. Eu também não vou lá. Para quê?

Podia ser que arranjasse uma namorada...

Nem penses! Com a minha idade?

E qual é o problema? Diga lá: há quanto tempo é que não...? O quê?

Enfim, há quanto tempo é que não está com uma mulher?

O pá, sei lá, há uns 30 anos! Já nem sei como é que se faz!

Essas coisas nunca mais se esquecem...

Isso é como a bicicleta, não é? Mas espera aí... a função sexual... há gajos que a levam longe. Há um cabrão de um amigo meu - que tem mais dois anos que eu - que se gaba de foder todos os dias. Porra! Ele era um grande fodilhão, de facto, lá isso era. Mas será que isso agora é



CÉSAR SANTOS

"ANTIGAMENTE, UM GAJO FAZIA UMA laracha qualquer num jornal e a censura cortava logo..."

importante? Não faço ideia. As pessoas têm o seu tempo. Não estou muito preocupado com isso. Já tive os meus dezoito anos. Que idade tens?

Vinte e oito.

A tua efervescência é diferente da efervescência de um gajo com a minha idade. Tens que aproveitar agora!

A julgar pela sua biografia, o Luiz Pacheco era muito efervescente...

O pá, o que calhou, o que calhou! Tive oito filhos. Ou melhor: tiveram elas. Mas os meus filhos não costumam aparecer aqui. Não podem. Têm outra vida. Mulheres, filhos, trabalho. Os filhos são como os pássaros: ganham asas e voam sozinhos. Mas essa biografia é um bocado aldrabona. Nunca mais vi a rapariga que a escreveu. Ela é um bocado passada da mona. A primeira vez que a vi foi na televisão, no programa da Paula Moura Pinheiro, aquela que ti-

nha a franjinha. Havia um programa dedicado à luxúria. Apareceu lá uma rapariga muito desinibida e vivaça a dizer "Cá comigo é assim". Eu fixei-a. Uns tempos depois apareceu lá em Setúbal. Ela era muito trabalhadora. Para fazer essa cronologia até foi aos arquivos da PIDE. Só que depois começou a querer mandar em mim, armada em minha mandona e eu mandei-a à merda. Não tenho feitio para aturar mulheres a mandarem-me. Essa gaja é demais.

Mudando de assunto: continua a vender livros por correspondência?

Já não tenho capacidade. E tinha um ficheiro bastante bom. Mas isso agora acabou tudo. O pá, não há hipótese: um gajo de repente vê-se perante um grande divórcio entre mim e o novo sistema de fazer livros. Agora é tudo por computador. Comecei a editar em 1950. E 50 anos já chega. Havia gajos que não me pagavam os livros. Também nunca mais receberam. Mas, agora, esta edição ficou boa, não ficou? Isto é um texto muito antigo. Na altura foi apreendido. E não foi só este texto. Foram coisas do Mário Ruivo e do Ferro Rodrigues, o pai desse gajo que anda agora por aí. O pá, isto naquela altura era difícil. Hoje as pessoas têm o que quiserem. Antigamente um gajo fazia uma laracha qualquer num jornal e a censura cortava logo. Mas eu tive dois casos ainda piores. Aquele gajo que morreu e a quem eu dediquei o livro - o Fernando Ribeiro de Mello - teve muitos processos e uma série de edições apreendidas. Agora, esta editora (Oficina do Livro) tem livrarias e aquela... como é que ela se chama? Rebelo Pinto, não é? Faz edições enormes de não sei quantos mil exemplares. Isso é uma espécie de vaga. Eu nunca li nada dela. Trouxeram-me aqui um livro mas eu dei-o a uma rapariga aí. A gaja viu lá umas passagens e quis levar aquilo para casa. Acho que era o "Sei lá". Mas ela é muito bonitinha...

Tem escrito ultimamente? Alguma vez usou computador?

Nem vê-los! Já nem à máquina escrevo. Consigo ver as teclas mas não vejo as letras no papel. Mas não é só isso. Um tipo já está fora do seu tempo. Um gajo tem uma fase de mocidade e curiosidade - e aí quer conhecer o mundo. Depois tem a fase de maturidade que é a fase criativa por excelência. Só que mais tarde vai-se vendo mal, ouvindo mal, pá, enfim, o que é que esperas quando tiveres a minha idade? No Bairro Alto há a livraria "Ler Devagar". Aqui é mais "Morrer Devagar". Ao menos, um gajo aqui está protegido - não lhe cai um carro em cima. Só que essa protecção é também uma forma de apagamento. Aqui pode ser sossegado mas um gajo vai-se alheando do Mundo. A minha ligação com ele é através da rádio - a TSF e a Antena 2. Mas é um bocado ilusório. Eu estava a ver que não chegava vivo ao lançamento deste livro. Afinal cheguei. E já não é mau.

UM LIVRO ESCRITO HÁ 57 ANOS AGORA REEDITADO

Não sendo a sua prosa mais brilhante, "Os doutores, a salvação e o Menino Jesus" é uma "parábola bíblica" publicada em 1946 e logo apreendida pela PIDE. Agora reeditada pela Oficina do Livro, trata-se de um conto que, "escrito vai para 57 anos", ainda mantém "a sua aguda oportuna presciência, talvez mais desesperada, talvez mais irrispirável"; segundo palavras do autor.



"LÍNGUA PORTUGUESA MUDOU COM ASTELENÓVELAS"

"A literatura é uma coisa que envelhece muito depressa. Num quadro, o amarelo é sempre amarelo. Na música, o dó é sempre dó. Mas, na literatura, a base são as palavras – e é tudo muito precário. Por exemplo: um gajo usa o calão, porque é a língua viva. Mas, daí a uns poucos anos, já esse calão morreu. A língua portuguesa, desde que há telenovelas, mudou muito". Luiz Pacheco dixit.

"Não se vende prosa a granel"

O texto deste livro já é antigo. Partiu de si a ideia de reeditá-lo?

Foi um acaso. Nunca ia reeditar isto. Foi por causa de uma peça de teatro - os gajos não me ligaram nenhuma, nem me pagaram nenhum. Então, de repente, achei que devia publicar isto. É chato um gajo sentir-se esquecido ou desprezado, assim de repente. Não é agradável. Um gajo está aqui metido neste buraco, isolado. Às vezes, vinham cá amigos e amigas e eu desabafava. Lá me arranjaram uma editora para este texto. E ele saiu. Não vem mal ao Mundo. Vou receber 10 por cento sobre cada livro vendido. Já não é mau. Agora há um gajo que eu não gramo – o Vasco Graça Moura – quer dizer, não é não gramar, eu nem tenho razão de queixa do homem até porque nunca o vi mais gordo – mas acho que ele é um gajo muito reaccionário. Ele vai lançar agora uma coisa chamada "Os melhores contos e novelas portuguesas", com um texto meu. Vão ser dois volumes encadernados e dentro de um estojo. São 900 páginas. Vão pagar-me 500 euros. Dá cem contos. É dinheiro. E ainda me dão quatro livros. Na altura do "Diário Popular", comecei por ganhar 300 paus, depois 500 e, mais tarde um conto e duzentos. Não era mau. Conheces o BB?

Quem?

O Baptista Bastos. É um gajo muito giro, um bellissimo camarada. Mas eu mandei-lhe uma porrada e o gajo ficou pior que estragado. Ficam sempre muito chateados. Nunca se pode dizer nada...

Ai é?

É, é! (gargalhada mefistofélica). Não se pode dizer nada. Estes gajos são muito susceptíveis. Eles têm a consciência de que fazem muita merda, mas depois querem cercar aquilo de arame farpado contra alguma piadita. Um gajo arranjava muitos inimigos, mas também alguns leitores. Havia sempre uma série de gajos todos a a dizer muito bem e se aparecia um gajo a desatinar...

...também levava porrada.

Dei porrada a muita gente e dei porrada com gosto. Um gajo tem um fundo malévolo, maldizente, e enquanto estiver para ali a mandar vir, anda todo satisfeito. (pausa) De repente, um gajo pegava num livro e via que aquilo era uma merda, mas os gajos julgavam sempre que eram génios ou os supra-somos. Então não dava vontade de dar porrada? É um acto de justiça. Há uma série de gajos que nunca mais se esquecem de mim. Conheces o José Eduardo Agualusa? Ele publicou um livro – "Nação Crioula" – e o



CESAR SANTOS

"DEI PORRADA A MUITA GENTE e dei porrada com gosto..."

"E o gajo morreu oito dias depois..."

Apesar de ser o próprio a chamar "Conto de Natal" a "Os doutores, a salvação e o Menino Jesus", o texto agora reeditado pela Oficina do Livro, Luiz Pacheco é firme na sua convicção: "Nunca liguei ao Natal", sustenta, ao mesmo tempo que considera a data que assinala o nascimento de Cristo como "um dia como outro qualquer".

Repugnando qualquer celebração especial ("eu detesto essa merda"), o acutilante escreva sustenta que "é um simulacro de festa".

E, na sequência desse raciocínio, lembra-se de um episódio passado no lar de Palmela: "Havia lá um gajo que estava sempre muito preocupado com o dia tantos. Eu não percebia porquê, mas depois lá vi que era o dia de anos dele. Ele nem



era muito velho. O gajo lá fez anos e toda a gente cantou-lhe o hino dos "muitos anos de vida". Ora, o gajo morreu oito dias depois!"

"É um bocado macabro", prossegue, até porque, "isso é

giro para gajos da tua idade, muita foda, muita comida, muita bebida, muita viagem, muita leitura, muito prazer", questionando-se, de imediato: "Agora, para um gajo que está aqui a olhar para ontem?"

"Não acho que se deva desanimar um velho, mas estou a ser realista", afirma Luiz Pacheco, que, do alto da sapiência dos seus 77 anos, confessa passar tardes sozinho junto de um pequeno rádio no mesmo quarto onde recebeu o JN. É por aí que sente o Mundo girar: "Às vezes fico aqui a rir-me, sozinho, a ouvir o trânsito na TSF; eles dizem: filha de não sei quantos quilómetros muito vagarosa devido a um desastre. E eu digo para mim: "Ai é? Então está bem!", graceja o escritor maldito entre gargalhadas diabólicas.

Perfil



NOME LUIZ PACHECO
IDADE 77 ANOS
PROFISSÃO ESCRITOR E EDITOR
NATALIDADE LISBOA

De libertário a libertino, de marginal a alcoólico, de crava a abjeccionista – não há consenso na adjectivação que o designe. Há cinco décadas que Luiz Pacheco deixa um rasto de controvérsia e atentados aos bons costumes. Pelo meio, ficam edições, prisões, desatinos e alguns dos textos mais geniais do século como "O teodolito" ou "O Libertino passeia por Braga".

Torcatto (Sepúlveda) fez um grande elogio ao gajo. Eu li aquilo, aproveitei e dei porrada no Torcatto e no Agualusa. Esse gajo deve ter-me um pó!

Acha que levavam as suas críticas demasiado a sério?

Não é nada disso. Só que eles não gramavam. Mas um gajo quando está a escrever não pode estar dependente dessas reacções. Há gajos que querem ser ídolos e adorados. São figuras públicas e criticáveis. Agora andam por aí gajos que escrevem crónicas semanais para os

jornais. Depois chegam a certa altura em que agarram nesses textos que têm lá no computador em casa e publicam em livro. É ilusório: uma coisa para um jornal geralmente morre ali mesmo, são coisas do momento. Se um gajo, ao fim de um ano ou dois, faz uma selecção de crónicas e quer pô-las em livro, tem que ser muito cauteloso. Não pode vender aquilo a granel. Nem tudo o que se escreve é para aproveitar.

Mas as reacções que os seus escritos desencadearam...

Tu queres é guerra!
Pois quero. Você também chegou a ter uma série de problemas com as autoridades...

Tive problemas com a PIDE por causa do "Libertino" e também por causa da antologia erótica da Natália Correia. Numa vez até éramos oito réus: eu, o Ary dos Santos, a Natália, o Ribeiro de Mello, Francisco Esteves, Melo e Castro e outro gajo que já morreu. Com o Marquês de Sade e a "Filosofia de Alcova", apanhei uma grande porrada por ter ofendido o juiz. O David

Mourão Ferreira fez um prefácio contra o Sade. Eu fiz um prefácio que enaltecia o Sade. Depois, havia o João Rodrigues – que se matou – fazia os desenhos, e o Herberto Helder que traduzia. Apanhei uma grande porrada: insultei o juiz no prefácio, um gajo que já me tinha julgado no tribunal. Foi uma vingança minha. Mas essas coisas na altura têm a sua graça.

Qual é, na sua opinião, o seu grande texto?

Não é "A comunidade". Talvez "O teodolito".